



*O Comércio Atlântico de Couro na Senegâmbia: 1580-1700*⁵⁰⁸

The Atlantic Leather Trade in Senegambia: 1580-1700

Felipe Silveira de Oliveira Malacco

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este artigo tem por intenção analisar a produção, uso interno e comércio de couro na Senegâmbia entre 1580 e 1700 com base em relatos de viagem produzidos à época, além de tradições orais recolhidas no século XX. Fizemos uma análise contextual da Senegâmbia neste período, explicitando o que caracterizamos por este espaço e quais eram os principais povos que habitavam a região nos séculos XVI e XVII. Buscamos entender o comércio atlântico que ali se desenrolava em geral e fizemos a análise específica do comércio do couro, que inferimos ser uma das três principais mercadorias de exportação da Senegâmbia neste período, no sentido da oferta, demanda e volume comercial. A intenção é perceber a diversidade e a complexidade das relações mercantis entre os europeus e os povos senegambianos durante o período moderno.

Palavras-Chave: Couro; Comércio Atlântico; Senegâmbia.

Abstract: This paper intends to analyze the production, internal use and trade of leather in Senegambia between 1580 and 1700, based on travel reports produced by the time and oral traditions collected in the twentieth century. We did a contextual analysis of Senegambia on this period, explaining what we characterized by this space and who was the main people that inhabited the region in the sixteenth and seventeenth centuries. We sought to understand the Atlantic trade that took place there in general, and we did the specific analysis of the leather trade, which we inferred to be one of Senegambia's three main export commodities in this period, in the sense of supply, demand and trade volume. The intention is to realize the diversity and to complexity of the mercantile relations between Europeans and Senegambian people during the Early Modern.

Keywords: Leather; Atlantic Trade; Senegambia.

⁵⁰⁸ Pesquisa financiada por bolsa de doutorado concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Este artigo tem por objetivo tratar sobre o comércio atlântico de couro, realizado na Senegâmbia entre 1580 e 1700. Embora tenhamos compreensão que o comércio atlântico na região é multifacetado em relação aos produtos que nele circulavam, percebemos uma significativa relação de oferta e demanda de couro na Senegâmbia. Procuraremos entender a motivação da demanda europeia sobre os produtos; de quais animais os senegambianos retiravam o couro; se o produto vendido nos portos fluviais e marítimos da região advinham das proximidades da costa e dos rios ou se mobilizavam rotas de comércio interioranas; os usos internos do couro por parte dos agentes senegambianos; e quais povos senegambianos se destacavam pela venda de couro.

Para isso, antes de mais nada, é necessário explicitarmos o que entendemos por Senegâmbia. A princípio, ao leitor incauto, a palavra pode remeter aos atuais Senegal e Gâmbia. Porém, há diferentes interpretações sobre esse espaço que não remetem exclusivamente à divisão arbitrária da Conferência de Berlim. De acordo com Boubacar Barry,

Geograficamente, a Senegâmbia encontra-se totalmente dentro da zona tropical entre o Sahel e as florestas da Guiné. Dois rios, o Senegal e o Gâmbia, tanto sustentam quanto simbolizam a unidade geográfica da região. Ambos brotam da mesma massa de terras altas, o planalto do Futa Djalón. Eles fluem através de uma formação geológica, estrutura tectônica e zona climática similar. E eles fluem para idênticos regimes de maré no mesmo oceano Atlântico, a poucas centenas de quilômetros de distância.⁵⁰⁹

Trocando em miúdos, para o historiados senegalês, a Senegâmbia seria uma referência geográfica a uma região que possui diferentes domínios morfoclimáticos, marcado pela existência de importantes cursos d'água. Para ele, os limites da região é o território delimitado ao norte pelo rio Senegal, ao sul pelo rio Kolonté, localizado na atual Guiné-Conacri, a leste pelo oceano Atlântico e a oeste pelo Futa Toro e do Futa Djalón. Sua justificativa seriam as relações políticas, econômicas, sociais e culturais com o mundo islâmico.

Por outro lado, José da Silva Horta e Eduardo Costa Dias sugerem a ampliação da Senegâmbia, ao sul, até à região de Serra Leoa. Isso porque a região também fazia parte de um espaço comercial, político, social e cultural comum, com funcionamento articulado, que deve ser compreendido como um espaço de “conveniência e convivência” e “complementaridade e transição”.⁵¹⁰

⁵⁰⁹BARRY, Boubacar. *Senegambia and the Atlantic Slave Trade*. Cambridge: University Press, 2002, p. 5. Tradução nossa: Geographically, Senegambia lies wholly within the tropical zone between the Sahel and the forests of Guinea. Two rivers, the Senegal and the Gambia, both underpin and symbolize the region's geographical unity. Both spring from the same upland mass, the Futa Jallon plateau. They flow through similar geological formations, tectonic structures, and climatic zones. And they flow into identical tidal regimes in the same Atlantic ocean, a few hundred kilometers apart.

⁵¹⁰DIAS, Eduardo Costa; HORTA, José da Silva. La Sénégalie: un concept historique et socioculturel et un objet d'étude réévalués, *Mande Studies*, n.09, 2007.

A proposta dos autores portugueses é mais abrangente que a de Barry ao pensar a região descrita nas fontes como Serra Leoa como pertencente ao mesmo espaço geográfico. A base da argumentação deles são as ligações comerciais de Serra Leoa com o restante, principalmente pela agência comercial dos jaxanke. De fato, esta assertiva nos parece correta. De acordo com Francisco Lemos Coelho, que escreveu relatos na segunda metade do século XVII,

No outro braço do rio [Pongo, na região de Serra Leoa] está a aldeia Depomga, que é do mesmo trato e negócio, nela houve também sempre aldeia de brancos, com uma Igreja de Santo Antônio, de que são muito devotos como já tenho dito; há grande negócio de marfim, e roupa branca, que chamam catés. Também há algum ouro que trazem os Jagamcazes [Jaxanke], que vem a buscar sal, porque aqui é a maior feira que tem os brancos deste gênero, e sempre o muito é pouco, estes jagamcazes dizem que quando partem da sua terra, partem três cáfilas, uma para o rio Senegal, outra para o rio Gambia e outra para aqui.⁵¹¹

Esta citação de Coelho evidencia a “complementariedade e transição” descrita por Dias e Horta, conceito importante para esse trabalho. Os jaxanke eram um grupo pluriétnico de comerciantes, envolvidos no comércio interno. Segundo Lemos Coelho, eles vinham “da terra do Mandimansa”⁵¹², em três diferentes cáfilas para comercializar no rio Gâmbia, Senegal e Pongo, através de redes de comércio internas e que, indo até os portos fluviais destes rios, os coloca em contato com as redes comerciais atlânticas. Será, portanto, essa definição que Horta e Dias criaram que utilizaremos para definir Senegâmbia neste artigo.

A Senegâmbia era habitada por inúmeros povos que compunham dezenas de unidades políticas. Os povos sobre os quais falaremos nas próximas linhas são aqueles que aparecem com maior recorrência nas fontes analisadas. Inferimos que essa reincidência se deva a um sentido demográfico, pelo fato de serem numerosos, políticos, por terem algum grau de organização estatal que foi percebido pela alteridade europeia, e econômico, o que diz respeito a estes agentes fazerem trocas comerciais com o mundo atlântico.

Os jalofos viviam ao sul do rio Senegal e habitavam toda a costa até a margem norte da foz do rio Gâmbia. Formavam, à princípio, uma unidade política constituída pelo Gran-Jalofó, localizado em um ponto mais interiorano, Saalum, Ualo, Caior, Baol e Sine, sendo a população de Siin predominantemente serere. “O título do mandatário era diferente de unidade para unidade, Brak em Ualo, Dammel em Kajoor, Teeny em Baol, Buur em Saalum”⁵¹³.

Com o desenvolvimento do comércio atlântico e fortalecimento econômico e político dos Estados costeiros e que tinham sua jurisdição nas costas ou nas margens dos rios, em conjunto com

⁵¹¹ COELHO Francisco. *Dois descrições seiscentistas de Guiné*. Lisboa: Academia de História Portuguesa [1669-1684] 1953, p. 61.

⁵¹² Ibid. p. 8 Diz respeito ao mandatário do Mali, organização política localizada no interior do continente, do qual falaremos adiante.

⁵¹³ GAMBLE, David, et. al. Peoples of the Gambia: I. The Wolof. *Gambian Studies*, San Francisco, n. 17, 1985, p. 13.

fatores internos⁵¹⁴, uma pretensa unidade da Confederação Jalofa⁵¹⁵ foi quebrada. Em contato primeiro com os portugueses, durante o século XVII, em virtude da criação e fortalecimento do enclave comercial francês de Saint Louis e Gorée, passam a ter contato mais ativo com essa nação, embora que, entre 1580 e 1700, não tenham fechado seu comércio a um monopólio de qualquer nação europeia.

Os fulas, por sua vez, são descritos politicamente de duas maneiras distintas. Algumas fontes os descrevem como um povo nômade, pastoril, que vivia da criação extensiva de gado⁵¹⁶. Porém, outras descrições afirmam sobre a existência de um Estado fula centralizado no interior, nos contrafortes do Futa Toro: “é o Gran-Fulo, que é o Rei dos Fulos, tem muita gente de cavalo, e nas suas terras há muitos cavalos”⁵¹⁷. No mesmo sentido, mercador francês Claude Jannequin afirma sobre o reino de Sambalame, que seria uma organização política fula

Em duzentas léguas de país, ao longo deste rio [Senegal], quatro reinos se encontram, em primeiro lugar os Negros, de Libie, comandados por Damel, o dos fulas de Brac⁵¹⁸, o dos mouros de Barbaire, de Camalingue, e a dos mouros e bárbaros vizinhos de Reino de Tombuctu, e do grande Sambalame, do qual Rei, subjuga os outros três que eu nomeei⁵¹⁹.

Jean Boulègue afirma que o reino de Sambalame seria uma unidade política fula no Futa Tooro, fundado no início do século XVI e que teve um poder e extensão considerável ao norte da Senegâmbia, durante o século XVII⁵²⁰. Como muçulmanos, detentores de uma unidade política fixa e também sendo nômades pastoris criadores de gado, os fulas aparecem nas fontes fazendo comércio com o mundo atlântico em várias localidades senegambianas, principalmente nas margens do rio Senegal e Gâmbia.

⁵¹⁴ Uma invasão fula, entre 1490 e 1510, liderada por Koli Tengella, abalou desde cedo a hegemonia da Confederação Jalofa.

⁵¹⁵ Confederação Jalofa é o nome dado à unidade política dos Estados jalofos que mantinham relações políticas e sociais entre si por boa parte da historiografia. O Gran-Jalofó exercia algum grau de domínio sobre os outros Estados, através do pagamento de tributos, até o momento em que perturbações político-econômicas externas e internas quebraram sua hegemonia.

⁵¹⁶ ALMADA, André Álvares. Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde dês do Rio Sanagá até os Baixos de Santa Ana. IN: BRÁSIO, Antonio. *Monumenta Missionária Africana*, s. II, v. 3, d092, 1594, p. 245; JOBSON, Richard. *The Golden Trade: Or, A Discovery of the River Grambra*. In: GAMBLE, David P.; HAIR, P. E. H. *The Discovery of River Gambia (1623) by Richard Jobson*. London: The Hakluyt Society, [1621] 1999, p. 100; COELHO, Op. Cit. p. 101.

⁵¹⁷ *Ibidem*. p. 244.

⁵¹⁸ Conforme explica Jean Boulègue, embora o Brac governasse o Ualo, um Estado jalofó, uma importante minoria fula estava ali instalada desde meados do século XVI. BOULÈGUE, Jean. *Un empire peul dans le Soudan occidental au début du XVIIe siècle*. In: DEVISSE, Jean. *2000 ans d'histoire africaine*. Tome II. Paris : Société française d'histoire d'outre-mer, 1981, p. 700.

⁵¹⁹ JANNEQUIN, Claude. *Voyage de Libye au royaume de Senegal, le long du Niger : avec la description des habitants qui sont le lon de ce fleuve, leurs coütumes et façons de vivre, les particularités les plus remarquables de ces pays*. Paris, Gallica, 1643, p. 81. Tradução nossa: “En deux cent lieues de ce pays, le long de ce fleuve, on trouve quatre Royaumes, premièrement celuy des Nègres, de Lybie, commandés par Damel, celuy des Foules par Brac, celuy des Maures de Barbarie, par Camalingue, et celui des Maures et Barbares voisins du royaume de Tombuto, et par le grand Sambalame, duquel Roy, relevent les autres trois que j’ay nommés”.

⁵²⁰ BOULÈGUE, Op. Cit.

Quanto aos sereres, as informações são esparsas. Quando aparecem, é muito comum que eles apareçam como dependentes politicamente dos jalofos, no período e nas fontes estudadas. Conforme explica C. Becker: “deve ser notado que os locais habitados por esses grupos [sereres] estavam ligados, durante o período aqui estudado [séculos XV ao XIX], às antigas entidades políticas de Kajoor e Baol”.⁵²¹

Essa dificuldade em encontrar os sereres nas fontes diz respeito a forma que o etnônimo era grafado nas fontes europeias. De acordo com Thiago Mota, “em Portugal, barbacin era o designativo aplicado ao Serere que, no idioma jalofa, corresponde a buur ba Siin, o governante de Sine, e aplica-se àqueles sujeitos a este potentado”⁵²². De fato, sereres e barbancins são palavras sinonímicas. Em 1594 André Almada escreveu que os barbancins “não têm seita de mouro”⁵²³. O Sine fazia fronteira com o Caio, estando ao sul desta unidade política jalofa e tendo autoridade sobre alguns pontos na margem norte do rio Gâmbia, próximo à costa.

Os mandingas são originários da unidade política do Mali, cujo centro se localizava na região do Rio Senegal e do Alto Níger. Essa formação política tem origem, segundo as tradições orais⁵²⁴, por volta de 1230. O herói fundador do Império foi Sundjata Keita, e a partir de sua fundação, houve uma expansão gradual em direção ao oeste, estendendo seu poder até a região da Senegâmbia. Uma das rotas de expansão do império do Mali o levou ao Gâmbia. A presença desse povo é bastante acentuada, de forma que, em 1623, Jobson os denominou “senhores e comandantes do local”⁵²⁵.

Os mandingas Formaram também uma grande unidade política, o Kaabu, que se estendeu, aproximadamente, do sul do Gâmbia até o rio Geba, a principal tributária do Mali. Com o fim do poder político do Mali, no século XVII, o Kaabu pôde se afirmar como principal unidade política Mandinga, não apenas independente, mas também com várias unidades políticas mandingas que lhe deviam dependência, como Wuli, Niani, Niomi e Badibu, localizadas nas margens do rio Gâmbia.

Eram muçulmanos e descritos como grandes difusores dessa religião na Senegâmbia. Michel de La Courbe chega à os descrever como mais convictos da fé islâmica que os outros povos: “eles têm mais certeza [da fé islâmica] do que os povos cabo-verdianos, tendo escolas públicas, ou aprendem a ler em árabe, o que é a língua de sua religião e na qual o Alcorão é escrito”⁵²⁶. Eram de

⁵²¹ BECKER, Charles. La représentation des Sereer du nord-ouest dans les sources européennes (XVe-XIXe siècle). In: *Journal des africanistes*, 1985, p. 166. Tradução nossa: Signalons aussi que les pays habités par ces groupes étaient rattachés, durant la période étudiée ici, aux anciennes entités politiques du Kajoor et du Bawol.

⁵²² MOTA, Thiago. Instrução Islâmica na Senegâmbia e Práticas de Muçulmanos Africanos em Portugal: Uma Abordagem Atlântica (Séculos XVI e XVII). In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 30, nº 60, 2017, p. 43.

⁵²³ ALMADA, Op. Cit. p. 256.

⁵²⁴ Para mais ver: NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a epopéia mandinga*. São Paulo: Ática, 1982.

⁵²⁵ JOBSON, Op. Cit. p. 104. Tradução nossa: “The Maudingo: The people, who are Lords, and Commaunders of this country.”

⁵²⁶ LA COURBE, Michel. *Le premier voyage du sieur de La Courbe Fait à la Coste d’Afrique en 1685*, Paris: Société

grande comércio com o mundo atlântico. Inclusive, dentre os mandingas, existiam os Jaxanke, mercadores que iam até o interior do continente comprar mercadorias em caravanas, que depois faziam afluir até os portos do mundo atlântico⁵²⁷.

Ao sul do rio Gâmbia, os arriatas e os falupos se dedicavam a criação de gado, vendendo produtos oriundos da criação de bovinos. De acordo com o mercador francês Vincent le Blanc, esses povos “não tem nada além de peles e gado”⁵²⁸. Isso foi confirmado por Almada, que acrescenta que os falupos não fazem comércio com os portugueses: “são grandes criadores; há muito gado vacum e cabrum nas suas terras; não têm comércio nenhum conosco”⁵²⁹.

Lemos Coelho acrescenta a não ligação comercial com os falupos: “e mais barbaramente vivem os Falupos que não tem comunicação com essa gente”⁵³⁰. Por sua vez, assim como Le Blanc fala que é possível obter couros com os falupos, outro francês, Michel de La Courbe, escreveu sobre outra possibilidade comercial: “todo este país é cercado por água, e estas árvores nascem, ou as abelhas fazem o seu mel, e é por isso que este é um grande negócio de cera; os povos deste país são Feloupes”⁵³¹. Isso nos dá indícios de que o comércio entre povos senegambianos e europeus por vias atlânticas poderia ter diferenças de acordo com cada nação que faz o comércio.

Os banhuns viviam principalmente na margem norte do rio Casamance. Possuíam grande tráfico com os europeus e, em sua descrição sobre esta nação, André Almada evidenciou como fatores internos à Senegâmbia podiam interferir no comércio atlântico:

E da banda do Sul vai correndo a terra de Izig[u]chos que são Banhuns, na qual há trato de cera e escravos; nesta barra de Casamança há mais de vinte e cinco anos que não entram navios, por causa da guerra dos negros, que tendo em cima guerra com o Rei de Casamança, determinaram de lhe defender a entrada de seu Rio. E assim o fizeram e tomaram nela à entrada alguns navios nossos, por ser o Rio muito estreito e ajuntarem estes negros muitas almadias, com que acometem aos navios.⁵³²

Como se percebe, um conflito interno com o rei de Casamança, fez com que os banhuns interditassem o tráfico no rio Casamance. Sobre esse conflito, o cabo-verdiano Francisco Lemos Coelho escreveu em 1625 que “todos estes reinos banhuns que tenho nomeado são quatro fora de Casamansa dizem foram sujeitos ao rei de Casamansa, hoje vivem todos em sua liberdade”.⁵³³

d’Histoire des Colonies Françaises, 1913, p. 191. Tradução nossa: “Ils sont plus sçavans que les peuples du Cap Verd, ayant des ecolles publiques, ou ils apprennent a lire en Arabe, qui est la langue de leur religion et en laquelle l’Alcoran est escrit”.

⁵²⁷ COELHO, Op. Cit. p. 8.

⁵²⁸ LE BLANC, Vicent. *Les voyages fameux du Sieur Vincent Le Blanc marseillois , qu’il a faits, depuis l’âge de douze ans jusques à soixante, aux quatre parties du monde*. Paris: Gervais Clouster, 1649, p. 500.

⁵²⁹ ALMADA, Op. Cit. p. 289.

⁵³⁰ COELHO, Op. Cit. p. 32.

⁵³¹ LA COURBE, Op. Cit. p. 204. Tradução nossa: Tout ce pays est entouré d’eau et de ces arbres noyez ou les abeilles font leur miel, ce qui est cause qu’on fait en ce lieu la un grand commerce de cire ; les peuples de ce pays sont Feloupes.

⁵³² ALMADA, Op. Cit. p. 228-289.

⁵³³ COELHO, Op. Cit. p. 32.

André Almada dá outro importante indício de participação dos banhuns no comércio atlântico: “estes negros banhuns principalmente são muito entendidos e servem aos nossos, assim homens como mulheres e vão com eles a outros Rios por grumetes, ganhando soldo tão seguramente como se fossem nascidos e criados entre nós, com muita segurança”⁵³⁴. Aqui temos um forte indício de participação de agentes banhuns como grumetes, ou seja, pessoas livres que serviam como guia aos comerciantes europeus em troca de pagamento.

Os casangas eram habitantes do que seria nas fontes portuguesas / cabo-verdianas o Reino de Casamansa. O cabo-verdiano André Donelha descreve a unidade política da seguinte maneira: “este reino de Casamansa, os habitantes se chamam casangas; foi de um rei muito humano, guerreiro, amigo dos brancos, muito liberal [...] era tão amigo dos brancos que mais seguros andavam nas suas terras que nesta, e outra qualquer de cristãos”⁵³⁵. Como se percebe, é comum que entre as diferentes nações senegambianas, houvessem diferentes formas de lidar com o advento e aprofundamento do comércio atlântico.

Os papeis, que também aparecem grafados como buramos, habitavam as proximidades do rio São Domingos. Também são por várias vezes descritos como os habitantes das proximidades do enclave comercial português de Cacheu, como no caso da descrição de Michel de la Courbe.⁵³⁶ Em André Almada, temos indícios que os papeis se organizavam politicamente com mais de um mandatário político:

Esta terra dos Buramos, chamados por outro nome Papéis, é mui grande, porque corre por aquele Rio de Farim acima muitas léguas. E saindo pela barra fora, como trataremos, corre outras muitas; toda a terra, de uma banda e outra, é povoada destes negros, os quais têm muitos Reis, uns mais poderosos que outros.⁵³⁷

Os balantas viviam nas margens do rio São Domingos, também grafado como rio Cacheu. Entre eles, tal como entre os falupos, há uma inflexão entre as descrições luso-cabo-verdianas e francesas. André Almada os descreveu como habitantes do rio São Domingos, de onde era possível fazer comércio de vários alimentos, assim como cera⁵³⁸. Lemos Coelho, por sua vez, afirmou que “os negros [do rio Cacheu] são também Balantas, e não tão ruins como os outros. A ele se vai fazer negócio. Não roubam no rio, mas ainda recolhem os negros que fogem aos brancos e não os dão mais”⁵³⁹.

Michel de La Courbe, por sua vez, afirmou:

⁵³⁴ ALMADA, Op. Cit. p. 312.

⁵³⁵ DONELHA, André. Memorial de André Donelha a Francisco Vanconcelos da Cunha. IN: BRÁSIO, Antonio. *Monumenta Missionária Africana*, s. II, v. 5, d036, 1625, p. 139-140.

⁵³⁶ LA COURBE, Op. Cit, p. 213.

⁵³⁷ ALMADA, Op. Cit, p. 302.

⁵³⁸ *Ibidem*, p. 307.

⁵³⁹ COELHO, Op. Cit. p. 157.

É um povo [Balantas] que, como eu disse, é muito feroz e não tem comércio com os brancos; eles dizem que a razão pela qual eles não querem sofrer quando [os brancos] vão para o seu país é porque eles têm minas de ouro e muitas vezes é dito que ao vasculhar a terra eles a encontram e escondem por medo de que ninguém saiba disso e que não quer que os brancos os subjuguem.⁵⁴⁰

Aí podemos perceber que com o francês, ao contrário dos luso-cabo-verdianos, o comércio franco-balanta não foi instaurado. As hipóteses possíveis são uma distinção feita pelos próprios balantas entre os possíveis parceiros comerciais europeus ou uma variação da forma de atuação ao longo do tempo ocasionada, provavelmente, por fatores internos.

Os beafares viviam nas proximidades do rio Grande. Segundo Almada, eles mantinham relações diretas com os balantas: “destes Balantas se provê a terra dos Beafares de inhames e outros mantimentos”⁵⁴¹. Ou seja, pela descrição do mercador cabo-verdiano, os balantas provinham mantimentos aos beafares. Não há informações, porém, se esse provimento era por vias comerciais ou por pagamentos de impostos.

Os bijagós viviam em um arquipélago próximo a foz do rio Geba e do rio Grande. Vivendo cercados de água, é natural que tivessem desenvolvido, com o passar do tempo, embarcações fortes o suficiente para conseguirem se locomover entre as ilhas do arquipélago e mesmo para chegar à costa e as margens dos rios.

Porém, no próprio Almada há uma informação mais direta que nos ajuda a entender o intrincado mapa político desta região da Senegâmbia. O mercador afirma:

Sobre os Beafares fica um farim, que é como imperador entre eles, a quem todos os Reis dos Beafares dão a obediência, chamado Farim-Cabo, a quem também [a] dão os Mandingas do Rio de Gâmbia, da banda do Sul dele. E por toda esta terra dos Beafares andam negros Mandingas, principalmente daqueles religiosos chamados bixirins, dando nóminas a estes gentios, e dizendo-lhes mil mentiras⁵⁴².

Farim-Cabo é o nome que costuma aparecer nas fontes escritas em português para descrever o mandatário do Kaabu. Como se percebe ele, além de ter sob sua órbita política os mandingas do rio Gâmbia, o Farim também retinha “obediência” dos mandatários beafares. Além disso, percebemos a atuação dos bixirins, que aparecem nas fontes portuguesas desse período como predicadores do islã, que também se envolviam ativamente no comércio.

O comércio dos bijagós com os europeus por vias atlânticas era baseado principalmente no tráfico de escravizados. De acordo com André Almada, “resgata[m]-se nestas [terras] muitos

⁵⁴⁰ LA COURBE, Op. Cit. p. 257. Tradução nossa : C'est un peuple [Balantas] qui, comme jay dit, est fort farouche et n'a aucun commerce avec les blancs ; on dit que la raison pour laquelle ils ne veulent point souffrir qu'on aille dans leur pays, c'est qu'ils ont des mines d'or et l'on prétend que souvent en fouillant la terre, ils en trouvent et le cachent de peur que personne n'en ayt connoissance et qu'il ne prenne envie aux blancs de les subjuguier

⁵⁴¹ ALMADA, Op. Cit. p. 309.

⁵⁴² Ibidem. p. 327.

escravos Beafares e Papéis, que eles cativam em guerras”⁵⁴³. Isso ocorre porque era prática comum dos bijagós fazerem razias contra os povos dos rios Grande e Geba, em busca de escravizados. Contudo, não era um comércio livre de animosidades. Segundo o Francisco Lemos Coelho:

Esta casta de negros [Bijagós] dizem os antigos que foram povoadores do reino dos Beafares os quais foram conquistados pelos ditos Beafares gente do sertão adentro, e que vendosse apertados fugiram em canoas que também chamam Almadias, e vieram povoar estas ilhas com as quai vinham desinquietar os mesmos beafares, e dar lhe guerra, e vendo eles que não tinham mais donde fugir, tiraram força da fraqueza e se começaram a defender de modo que de vencidos se fizeram vencedores [...] e amarraram tantos que diziam eram os beafares suas galinhas [...] e em toda parte eram temidos e tinham pouca comunicação com os brancos [...] e tomaram muitos navios de branco [...] se amansaram de modo que hoje é a gente mais doméstica que tem Guiné e mais amiga de branco.⁵⁴⁴

Pela descrição percebemos dois importantes fatores. O primeiro é a característica supracitada de se fazer razias por parte dos bijagós. A segunda é que, segundo o autor, à princípio, os bijagós “tinham pouca comunicação com os brancos”, mas posteriormente passaram a comerciar, se tornando “doméstica” e a “mais amiga de branco”. Porém essa informação não se repete em um relato posterior, de Michel de La Courbe, que afirma que “esta ilha, assim como dez ou doze outros, que estão na foz do Rio Grande são habitados por povos bárbaros chamados Bisagots [Bijagós] que são todos idólatras. Não há razão para negociar com eles, exceto com um ou dois outros cujos reis são um pouco sociáveis”⁵⁴⁵. A partir dessas descrições dissonantes, temos mais um indício de que o comércio atlântico não era uma constante, tendo variáveis no tempo e no espaço e, talvez, dependendo das nações europeias que estão envolvidas no comércio.

Por fim, os chamados sapes. Essa terminologia é utilizada pelos portugueses para descrever grupos etnolinguísticos que habitavam a costa da Alta Guiné, do norte da Serra Leoa até o sudeste da Guiné-Bissau. Compreendiam vários grupos como os bolões, temne, nalus, landumans e bagas e que, ao final do século XVI se misturaram culturalmente aos manes, de origem mandinga. Podemos utilizar como exemplo de que “sape” é uma terminologia que abarca diferentes nações a descrição de La Courbe, que afirma que “Os povos que vivem em todos as localidades desses rios [de Serra Leoa, como o Pongo] são chamados de Zapes, que são distinguidos em três, Zapes vagabons, Zapes volumes, Zapes Zapes”.⁵⁴⁶

Estes eram os povos senegambianos que mais apareceram citados nas fontes analisadas,

⁵⁴³ Ibidem. p. 317-318.

⁵⁴⁴ COELHO, Op. Cit. p. 42.

⁵⁴⁵ LA COURBE, Op. Cit. p. 219. Tradução nossa: Cette isle, aussi bien que dix ou douze autres qui sont a l'emboucheure de la rivière de Rio grande, sont habitées par des peuples fort barbares qu'on nomme Bisagots [Bijagós] qui sont tous ydolatres. Il n'y a point de seureté de commercer avec eux a la reserve de celle cy et d'une ou deux autres dont les rois sont un peu sociables.

⁵⁴⁶ Ibidem. Tradução nossa: Les peuples, qui habitent tous les environs de ces rivières se nomment Zapes qui sont distingüés en trois, sçavoir les Zapes vagabons, les Zapes volumes, les Zapes Zapes

coabrindo o período entre 1580 e 1700. Em maior ou menor grau, se envolveram diretamente no comércio atlântico, tanto de couro quanto de outros produtos.

Comércio Atlântico na Senegâmbia

Os europeus chegaram à Senegâmbia por vias atlânticas em 1440. Neste momento, a região já não era comercialmente isolada, em termos de comércio de longa distância, mormente com as rotas saarianas. Ao escrever sobre os mandingas do Mali, Djibril Niane afirmou:

Entre 1100 e 1500, o Saara serviu como zona de passagem privilegiada, e pode-se dizer que esse período correspondeu à idade de ouro do comércio transaariano. A partir do século X, o comércio de ouro da África ocidental com a África setentrional desenvolveu-se com regularidade. O Saara foi comparado, com procedência, com o mar.⁵⁴⁷

Independentemente de ser ou não um exagero literário de Niane, o fato do comércio saariano ser ao menos comparável ao que viria ser depois o comércio atlântico, podemos imaginar sua proporção. Porém, é consenso historiográfico que o advento do comércio atlântico, foi fato novo à Senegâmbia, que gerou mudanças significativas sobre como os povos do local faziam comércio de longa distância. Segundo o historiador francês Yves Person “de repente, no século XV, o litoral do Atlântico deixa de ser o fundo de um beco sem saída, utilizado apenas para a pesca costeira e para o comércio local, e passa a constituir uma segunda frente de contato com a Europa”⁵⁴⁸. Em concordância com este argumento, afirmou Alberto da Costa e Silva: “os portugueses, ao frequentar as costas do Senegal e da Gâmbia, fizeram com que essas áreas deixassem de ser periféricas ou lindeiras dos impérios do Grão Jalofo e do Mali”⁵⁴⁹.

Yves Person atribui à busca pelo ouro do que afluía do Mali como principal motivador para os europeus irem à Senegâmbia em busca de comércio: “serão os artigos do comércio internacional que irão atrair os portugueses desde a descoberta quando se abre a segunda frente de contato. E, naturalmente, será o ouro a mercadoria mais cobiçada”⁵⁵⁰. Acreditamos que, de fato, a busca pelo ouro tenha sido um bom impulsionador para os europeus chegarem à África subsaariana. Como veremos, esse comércio se diversificou em relação aos produtos comprados pelos europeus.

Os primeiros contatos entre europeus e povos senegambianos foram movidos principalmente por ação de portugueses ou por agentes que viajavam em nome daquela Coroa, como o veneziano

⁵⁴⁷ NIANE, Djibril Tamsir. Relações e intercâmbios entre as várias Regiões In: _____. (Org.). *História geral da África, IV: A África do século XII ao século XVI*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 698.

⁵⁴⁸ PERSON, Yves. Os povos da costa – primeiros contatos com os portugueses – de Casamance às lagunas da costa do Marfim. In: NIANE, Djibril Tamsir. (Org.). *História geral da África, IV: A África do século XII ao século XVI*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 337.

⁵⁴⁹ SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 182.

⁵⁵⁰ PERSON. Op. Cit. p. 337.

Alvise Cadamosto. Porém, conforme afirma John Thornton, foi uma experiência marítima compartilhada entre as nações europeias, mais as necessidades causadas pelo fator natural de na Europa existir dois grandes mares internos (Mediterrâneo e Báltico), que levaram os europeus a se aventurarem com êxito no Oceano Atlântico.⁵⁵¹

Foi a partir de 1580 que houve uma intensificação da presença de franceses, holandeses e ingleses na região⁵⁵². De fato, dentre outras razões, a União da Coroa espanhola e a portuguesa, no período entre 1580 e 1640, fez com que nações europeias, que eram inimigas políticas da Espanha, não se preocupassem em respeitar as tentativas do “monopólio” lusitano na região do rio Gâmbia. No século seguinte, mesmo nações europeias que não são muito lembradas quando se pensa em comércio euro-africano na Senegâmbia passaram a se fazer presente. Em um relato sobre uma viagem realizada entre 1682 e 1683, escrito pelo germânico Otto Friedrich Von Der Groeben, apontou a existência de um navio dinamarquês ancorado no rio Serra Leoa.⁵⁵³

Um elemento facilitador da experiência europeia na Senegâmbia foi a “descoberta” de Cabo Verde por portugueses em 1456. Anteriormente desabitado, o arquipélago é composto por dez ilhas, Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, São Tiago, Fogo e Brava. É localizado a apenas 570 quilômetros da costa senegambiana. Entre 1580 e 1700, a colônia portuguesa funcionou como importante entreposto comercial com a costa senegambiana. No período estudado já é possível afirmar a existência de agentes comerciais que nasceram nas ilhas, como André Almada, André Donelha e Francisco Lemos Coelho, cujos relatos servem de fonte a este artigo.

Apesar de colônia portuguesa, outros agentes europeus frequentavam suas ilhas. Assim como passavam por outras ilhas atlânticas, como as Canárias e Madeira, agentes europeus em geral, e não apenas portugueses, faziam de Cabo Verde um local de abastecimento. A título de exemplo, podemos citar os comerciantes que passaram pelas ilhas: o inglês Richard Hawkins em memorial escrito sobre viagens realizadas por ele nos último quinze anos do século XVI⁵⁵⁴, o francês Vincent Le Blanc em relato de 1592⁵⁵⁵, e o germânico Otto Friedrich Von den Groeben em relato de 1683⁵⁵⁶. Essa presença de outros europeus que não portugueses em Cabo Verde mostra as dificuldades de Portugal conseguir algum monopólio comercial no local, embora teoricamente, na lei lusitana, fosse

⁵⁵¹ THORNTON, John Kelly. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800*. Tradução de Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 63-65.

⁵⁵² HAVIK, Philip. *Silences and Soundbites: the Gendered Dynamics of Trade and Brokerage in the Pre-colonial Guinea Bissau Region*. Leiden: Lit Verlag, 2004, p. 47.

⁵⁵³ JONES, Adam. *Brandenburg Sources for West African History, 1680-1700*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1985, p. 16.

⁵⁵⁴ MARKHAM, Clements. *The Hawkins Voyages*, Londres: The Hakluyt Society, 1878, p. 129-130.

⁵⁵⁵ LE BLANC. Op. Cit. p. 498.

⁵⁵⁶ JONES. Op. Cit. p. 57.

isso que devesse ocorrer.

O comércio entre europeus e senegâmbianos era multifacetado com relação as mercadorias que nele eram trocadas. Diversos produtos faziam parte das trocas comerciais, variando de local para local a demanda por mercadorias específicas. A dimensão desta diversidade fica explicitada no excerto abaixo de André Almada, em uma parte de seu relato em que escreveu especificamente sobre o comércio com os mandingas no rio Gâmbia:

Das mercadorias que neste Rio [Gâmbia] valem, o principal é o vinho, porque morrem por ele; cavalos, roupa branca da índia, contaria da índia, de Veneza, margarideta grossa e delgada, fio vermelho, pano vermelho, vinta-quatreto, grão, búzio, papel, cravo, manilhas de cobre, bacias de barbear, caldeirões de cobre de um arrátel até dois, cobre velho, e entre todas a mais estimada é a cola.⁵⁵⁷

Neste pequeno excerto percebe-se que, de forma alguma, as negociações entre europeus e senegambianos se baseavam em uma simples troca de um pequeno número de mercadorias por outros produtos específicos. Ao contrário, o próprio Almada cita que por todas essas mercadorias, além dos escravizados, é possível obter ouro, marfim, couros, dentre outros produtos⁵⁵⁸. Desta forma, consideramos que análises que não levem em consideração esta multiplicidade de mercadorias que circulavam nas trocas comerciais que poderiam variar no tempo e no espaço, correm o risco de incorrer na armadilha de generalizações.

Na análise das fontes, entre 1580 e 1700 na Senegâmbia, três mercadorias foram percebidas como os principais produtos de exportação por parte dos senegambianos: couro, marfim e pessoas escravizadas. Dentre essas, a análise do comércio das duas últimas já mereceram obras e artigos mais aprofundados⁵⁵⁹. O comércio de couro na Senegâmbia na era moderna, porém, ainda foi pouco analisado, embora a importância das peles enquanto produto de exportação é evidente nas fontes.

Em nossas pesquisas, encontramos apenas dois artigos. O primeiro é um artigo de Nize Izabel de Moraes⁵⁶⁰, *Le Commerce des Peaux à la Petite Côte au XVIIe siècle (Sénégal)*, na revista *Notes Africaines*, datado de 1972, em que a autora fez uma importante análise econômica do comércio de couro na região. A autora argumenta sobre a importância do comércio de couro e tenta

⁵⁵⁷ ALMADA, Op. Cit. p. 276.

⁵⁵⁸ Ibidem. p. 277.

⁵⁵⁹ Sobre o comércio de pessoas na Senegâmbia, dentre outros, ver: BARRY, Op. Cit; ALENCASTRO, L. F. *O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; THORNTON, Op. Cit; e GREEN, Toby. *The Rise of Trans-Atlantic Slave Trade in Western Africa, 1300-1589*. Cambridge: The Cambridge University Press, 2012. Sobre o comércio de marfim na Senegâmbia, dentre outros, ver: MARK, Peter. *Towards a Reassessment of the Dating and the Geographical Origins of the Luso-african Ivories, Fifteenth to Seventeenth Centuries*. *History in Africa* 34, 2007 AFONSO, Luís; HORTA, José da Silva. *Olifantes Afro-Portugueses com Cenas de Caça c. 1490-c. 1540*. Lisboa: *Artis* nº1, 2013; SANTOS, Vanicléia. *O Marfim no Mundo Moderno: comércio, circulação, fê e status social (Séculos XV-XIX)*. Curitiba: Prisma, 2017; SANTOS, Vanicléia, et. al. *O Comércio de Marfim no Mundo Atlântico: Circulação e Produção (Séculos XV ao XIX)*. Belo Horizonte: Clio, 2018

⁵⁶⁰ MORAES, Nize Izabel de. *Le Commerce des Peaux à la Petite Côte au XVIIe siècle (Sénégal)*. *Notes Africaines*, nº 134 pp.37-45, & nº 136 pp. 111-116; 1972.

entender o que ela classificou como diminuição e mesmo interrupção deste comércio ao fim do século XVII. Não procurou, contudo, entender o uso e a produção da mercadoria em um contexto interno o da Senegâmbia, atentando-se mais a agência de portugueses judeus enquanto intermediários deste comércio. O outro é um artigo de Alberto da Costa e Silva⁵⁶¹, chamado *O Jihad do Futa Jalom*, presente nos anais do II Encontro de Estudos Africanos da UFF. O autor argumenta que a procura por expansão da área de pastagens para criação de gado foi um dos motivos que impulsionaram as jihads que mudaram todo o contexto político, social, comercial e cultural na Senegâmbia no século XVIII. Como é explícito no título, porém, o objeto de estudo não é necessariamente o comércio de couro, mas sim os processos de jihad. O que tentamos aqui, então, é justamente compreender esta produção, uso e comércio deste importante produto na Senegâmbia.

Comércio e Utilização de Artefatos de Couro na Senegâmbia

Partindo do século XXI temos certa dificuldade de compreender porque o couro se configura como uma das principais mercadorias de exportação de alguma Senegâmbia. Porém, entre 1580 e 1700, os materiais sintéticos, como o plástico, ainda não existiam. O couro era uma das matérias primas que faziam o papel destes materiais sintéticos, que estão presentes na maioria dos objetos que utilizamos hoje em dia. Em pesquisa que analisou a organização da indústria de couro inglesa nos séculos XVI e XVII, L. A. Clarkson afirmou:

O couro teve muitos usos importantes. Além do calçado, ele também era usado para roupas - às vezes no lugar de tecidos de lã - para economia de dinheiro e economia de roupas. O fazendeiro exigia muito couro "...para botas e sapatos para ele e para as crianças, e couro para selas, selas de carroça, cabrestos de cavalo e outros usos na criação ...". O couro também era empregado na indústria como para confecção de correias, baldes e foles usados para fornecer a explosão em fornos de ferro.⁵⁶²

Além do uso no vestuário, calçados, indústria e setor rural, havia também o uso do couro, por exemplo em encadernação de livros e em recipientes para líquidos.

Na Senegâmbia, a demanda por couro por parte dos europeus encontrou oferta por parte dos povos do local. O couro advinha de diferentes fontes. Segundo o comerciante francês Claude Jannequin, no rio Senegal, "nós tratamos todas as mercadorias que encontramos, como couros de

⁵⁶¹ SILVA, Alberto da Costa e. A Jihad no Futa Jalom. IN: RIBEIRO, Alexandre; GEBARA, Alexander; BITTENCOURT, Marcelo. *África Passado e Presente*: II Encontro De Estudos Africanos da UFF. 2010.

⁵⁶² CLARKSON, Leslie. A. The Organization of the English Leather Industry in the Late Sixteenth and Seventeenth Centuries. *The Economic History Review*, Vol. 13, No. 2, 1960, p. 245. Tradução nossa: "Leather had many important uses. Apart from footwear, it was also used for clothing - sometimes in the place of woolen cloth - for thrift and saving in apparel. The farmer made heavy demands on leather '... what for boots and shoes for himself and children, and leather for saddles, cart saddles, horse collars and another accommodations about husbandry...". Leather was also employed in the industry for such purposes as belts, buckets, and bellows used for providing the blast in iron furnaces".

bois, cervos, leões e leopardos”⁵⁶³. O comerciante português Francisco Lemos Coelho, por sua vez, afirmou que no forte de Saint James no rio Gâmbia, a principal mercadoria comprada pelos ingleses era “couros de vaca, e de bicho, e é melhor a de bicho que consta de antas, sinsins, tancois, gimguicamgas”⁵⁶⁴. Outro francês, Michel de La Courbe, por sua vez, ao descrever seu comércio com caravaneiros que vinham do Sahel, afirmou que “todos estes mouros vão recolher a goma e trazê-la mais de cem léguas sobre camelos, e grandes bois carregando como cavalos; eles também matam tigres, onças e avestruzes, cujas peles e penas vendem”⁵⁶⁵. Como se percebe, o couro advinha da criação de gado e também da caça de animais selvagens.

Além disso, o comércio de couro mobilizava tanto a produção internamente na Senegâmbia quanto rotas de comércio de longa distância, a partir da descrição de La Courbe ao comprar couro dos caravaneiros sahelianos. Neste sentido, o capuchinho francês Alexis de Saint Lô escreveu sobre a tentativa do mandatário de Rufisque em intermediar o comércio entre interior e costa: “estes línguas são os intermediários que recebem o couro dos negros do interior das terras e que comerciam com os mestres das barcas”⁵⁶⁶.

Este é um indicativo da tentativa de poderes costeiros em negociar os contatos mercantis do atlântico com o interior, exercendo um lucrativo papel de intermediários comerciais. Fortalece esse argumento o fato de que, embora Michel de La Courbe tenha comprado couro diretamente de caravaneiros, ele também afirma que: “elas [mulheres comerciantes no rio Senegal, que viviam nas proximidades da ilha de Saint Louis] têm vários cativos que mandam bem longe na terra para comprar couros que trazem de mais de 15 léguas nos asnos; eles os compram a um preço baixo, e tendo acumulado um número considerável deles, eles os trazem para a habitação”⁵⁶⁷.

É importante ressaltar que o couro não era apenas uma mercadoria de exportação, havendo também um variado uso interno. No memorial de Vincent Le Blanc, existe a descrição de couro sendo usado como armadura na região de Serra Leoa: “o rei de Guinala macha com grande pompa, fortes arqueiros de guarda, com cinquenta grandes e fortes mastins”⁵⁶⁸, todos com armaduras de peles de hipopótamos”⁵⁶⁹. No mesmo sentido militar, André Almada deixou indícios do uso de couros em

⁵⁶³ JANNEQUIN. Op. Cit. P. 66-67. Tradução nossa: “Nous traitasmes toutesles marchandises que nous rencontrions, comme cuirs de boeufs, serfs, lyons & leopards”.

⁵⁶⁴ COELHO, Op. Cit. p. 13.

⁵⁶⁵ LA COURBE, Op. Cit. p. 147. Tradução nossa: “Tous ces Maures vont recueillir la gomme et l'apportent de plus de cent lieues sur des chameaux et de grands boeufs qui portent comme des chevaux ; ils tuent aussi des tigres, des onces, et des autruches dont ils vendent les peaux et les plumes”

⁵⁶⁶ SAINT-LÔ, Alexis. *Relation du Voyage du Cap Verd*, Paris: Targa, 1637, p. 15.

⁵⁶⁷ LA COURBE. Op. Cit. p. 28. Tradução nossa: “elles ont plusieurs captives qu'elles envoient bien loing dans les terres pour acheter des cuirs qu'elles apportent de plus de 15 lieues sur leurs testes ou sur des asnes ; elles les achètent a vil prix, et en ayant amassé un nombre considérable, elles les apportent a l'habitation”

⁵⁶⁸ Espécie de cachorro.

⁵⁶⁹ LE BLANC, Op. Cit. p. 502. Tradução nossa: “Le roy de Guinalle marche avec grande pompe, force arches de garde, avec cinquante dogues grandes & forts, tous bardez de peaux de boeufs marins”.

confeção de armas entre os jalofos: “usam adagas, as quais são de couros de búfalos, e de touros, e de elefantes, muito bem feitas e fortes, porque curtem muito bem os couros”.⁵⁷⁰

O couro também era utilizado para o vestuário. Em La Courbe, há o indicativo de que comerciantes caravaneiros utilizavam peles para cobrir parte do corpo: “eles são feitos como criaturas selvagens com cabelo espetado, e tendo, na maior parte, apenas a pele de um bode que cobre as costas”⁵⁷¹. Tratando também sobre os comerciantes caravaneiros, o comerciante francês Jacob Le Marie nos dá indicativo de distinção social a partir da descrição do uso de roupas de couro: “o mais importante deles tem um tipo de casaco feito de pele com bainha, que se parece muito com o echarpe dos nossos cantores. Os outros têm apenas um pedaço desagradável de couro que esconde sua nudez”.⁵⁷²

Outros dois interessantes usos para o couro estão indicadas nas fontes. O comerciante caboverdiano André Almada, temos a informação de que entre os Bijagós: “as paridas trazem os filhos nos braços, atados numas correias de couro cru, que trazem ao pescoço, com que sustentam e têm as crianças”⁵⁷³. Em La Courbe, o couro aparece em instrumento musical: “então eles fizeram o guirot cantar; ela segurava uma espécie de harpa, cujo corpo feito de uma cabaça coberta de couro tinha dez ou doze cordas, que ela tocava agradavelmente”.⁵⁷⁴

Por fim, cabe ressaltar outro uso de couro, que ocasiona o comércio indireto do produto. Michel de La Courbe, ao tratar do comércio de goma arábica com caravaneiros sahelianos, afirma que: “eles trazem, como eu disse, sua goma em sacos de couro de vaca sem costura, e essa é a causa que eles nos vendem alguns couros, com o que fazemos sapatos e cordas”⁵⁷⁵. Como se percebe, ao trazerem a goma em sacos de couro, os caravaneiros se aproveitam para comercializar também os sacos. Este exemplo une as prerrogativas comerciais e utilitárias do produto.

Essa demanda interna tão vasta e variada, em conjunto com uma demanda atlântica crescente, nos ajuda a entender o importante papel desempenhado pelos povos que faziam da criação da gado uma de suas principais atividades. Este é o caso dos fulas, apresentados pelo comerciante inglês Richard Jobson como um povo nômade pastoril, cujas transações comerciais no rio Gâmbia eram pautadas principalmente pelos produtos derivados da criação do gado bovino,

⁵⁷⁰ ALMADA, Op. Cit. p. 242.

⁵⁷¹ LA COURBE, Op. Cit. p. 151. Tradução nossa: “ils sont faits comme des sauvages les cheveux hérissés et n'ayant, la plus part, qu'une peau de chèvre qui leur couvre le derrière”

⁵⁷² LE MAIRE, Jacob. *Les voyages du sieur Le Maire aux Isles Canaries, Cap Vert, Sénégal et Gambie*, Paris: Jacques Collombat, 1695, p. 73. Tradução nossa: “Le plus considerâbels d'entr'eux ont une espece de Manteau fait de peau fourée, qui ressemble assez a la Chappe de nos Chantres. Les autres n'ont qu'ine méchante piece de cuir qui cache leur nudité ”

⁵⁷³ ALMADA, Op. Cit. p. 318.

⁵⁷⁴ LA COURBE, Op. Cit. p. 172. Tradução nossa: “Ensuite, eles firent chanter le'ur guirote ; elle tenoit une espèce de harpe dont le corps fait d'une calbace couverte de cuir avoit dix ou douze cordes qu'elle touchoit assez agréablement”

⁵⁷⁵ Ibidem. p. 152. Tradução nossa: “Ils apportent, comme j'ay dit, leur gomme dans des sacs de cuir de boeuf sans couture, cela est cause qu'ils nous vendent peu de cuirs, outre qu'ils en font des souliers et des cordes”.

como manteiga, leite e carne, além do próprio couro⁵⁷⁶. A ligação entre os fulas e a criação de gado também foi escrita por Francisco Lemos Coelho: “negoceiam [os franceses] ao longo deste rio [Senegal] com os fulas, os quais não sabemos que tenham porto algum de mar se não nele [...]o trato dos quais é gado de que tem grande quantidade, assim de vacas como de carneiros”⁵⁷⁷.

Era grande a importância dada a criação de gado pelos fulas. Para exemplificar esta relevância, podemos partir das expedições militares feitas entre 1460 e 1510, sob a liderança de Dulo Demba e Koli Tengela, que os fulas fizeram um movimento de ida e volta do Futa Toro ao Futa Djalon. Estas expedições, conforme o trabalho baseado em tradições orais de Maurice Delafosse, *Chroniques du Fouta Sénégalaise*, foram fundamentadas na busca de pastagens por parte dos fulas: “em sua juventude, Koli era um pastor, e sua busca por pastagens levou-o a viajar para longe, dentro das mata. Seus companheiros, pastores como ele, o tornaram líder, enquanto levavam vida nômade com os seus rebanhos”⁵⁷⁸.

Essa hipótese é corroborada por outra nuance da tradição oral, que afirma que Koli Tengela tomou a decisão de invadir o Futa Djalon por causa de um periquito que apareceu com um grão de milho no bico. Após avistar o pássaro, Tengela teria mandado pessoas seguirem o pássaro para verem de onde viria aquele grão, levando-os até as plantações de milho ao sul do Futa Toro⁵⁷⁹. O milho foi uma importante planta forrageira, usada tanto para o pastejo imediato do gado quanto na forma de silagem, além de ser uma das bases da alimentação local.⁵⁸⁰

É importante ressaltar que, embora tenha ocorrido essa invasão fula na virada do século XV para XVI, os fulas não permaneceram controlando a região entre 1580 e 1700. Permaneciam, porém, criando gado de maneira nômade, por toda a Senegâmbia. Segundo André Almada,

Entram estes fulas por toda aquela terra da costa dos jalofos, barbacins e mandingas, com suas criações e gados; e no inverno se achegam à beira-mar, e no verão se tornam a meter pelo sertão devagar, trazendo o gado ao longo de alguns charcos de água e alagoas que faz o inverno. E muitos destes criadores andam ao longo destes dois formosos Rios, o de Sanagá [Senegal] e o de Cantor, que é o de Gâmbia, pascentando o gado ao longo deles.⁵⁸¹

Essa criação nômade abria a possibilidade de cobrança de taxas por parte de diferentes mandatários locais para que o gado pudesse se utilizar de áreas de pastagem. O testemunho de Michel de La Courbe confirma essa cobrança: “os mouros chamados Sargantes que alimentam muitos camelos, muitos bovinos, vêm aqui e pagam alguns costumes aos senhores do país, para

⁵⁷⁶ JOBSON, Op. Cit. p. 103.

⁵⁷⁷ COELHO, Op. Cit. p. 8.

⁵⁷⁸ DELAFOSSE, Maurice. *Chronique du Fouta Sénégalais*. Paris: Ernest Leroux Editeur, 1913, p. 120. Tradução nossa: “dans sa jeunesse, Koli était berger, et la recherche des pâturages l’amenait à voyager loin dans la brousse. Ses camarades, bergers comme lui, le prirent pour chef et il marchait à leur tête lorsqu’ils nomadisaient avec leur bétail.”

⁵⁷⁹ Ibidem. p. 121.

⁵⁸⁰ LA COURBE, Op. Cit. p. 133.

⁵⁸¹ ALMADA, Op. Cit. p. 245.

deixarem o gado pastar”⁵⁸². Além da cobrança para a pastagem em si, havia também alguma forma de taxaço para se comercializar os animais, como aquela aplicada pelos mandingas aos fulas para manejo de gado. Richard Jobson afirmou que os fulas não podiam matar um boi, nem vender para ele qualquer mercadoria que eles tivessem, sem o consentimento dos mandatários mandingas.⁵⁸³

A importância do gado como fonte de riqueza aos povos senegambianos não passa despercebida para os mercadores europeus. Segundo o comerciante flamengo Pieter de Marees, na costa jalofa entre o rio Senegal e o rio Gâmbia: “para ganhar a vida a principal ocupação é na agricultura, para plantar arroz e fomentar a maior riqueza que eles tem que são as vacas, que aqui são muito pequenas e muito caras”⁵⁸⁴. Assim, eram feitos vários usos sociais do gado. Claude Jannequin afirmou que, dentre os jalofos, para se casar, o homem “deve comprar a mulher, ao preço de tudo o que pôde adquirir, por seu trabalho durante a juventude, tirando-a casa de seus pais, dando-lhes a quantidade de bois e de cabritos que teriam acordado”⁵⁸⁵.

Devido à grande produção de bovinocultura na região, a oferta de couro era intensa. Não por acaso, Jean Boulègue escreveu que a principal mercadoria da região “o comércio os couros bovinos [...] sob o qual a procura era tal que o couro pode ser considerado como o principal comércio da economia dos reinos Jalofos (e senegâmbianos em geral)”⁵⁸⁶. Os ingleses Richard Rainolds e Thomas Dassel, por sua vez, notaram que era possível comercializar couro em absolutamente todos os portos que eles mapearam:

Os principais lugares de tráfico naquela costa entre esses rios são: 1 Rio Senegal: As mercadorias são **peles**, goma, dentes de elefantes, alguns grãos, penas de avestruz, âmbar cinzento e ouro. 2 Bezequiche, uma cidade de Cabo Verde há poucas léguas do rio Senegal: as mercadorias são pequenas **peles** e alguns dentes. 3 Rufisque, uma cidade a 4 léguas de Bezequiche: As mercadorias são **pequenas peles** e alguns dentes de vez em quando. 4 Palmerin, uma cidade a 2 léguas de Rufisque: As mercadorias são **pequenas peles** e alguns dentes de elefantes de vez em quando. 5 Porto D’Ale, uma cidade a 5 léguas de Palmerin: As mercadorias são **pequenas peles**, dentes, âmbar e um pouco de ouro: e muitos portugueses estão lá. 6 Candimal, uma vila a um quarto de légua do Porto D’Ale: as mercadorias são **pequenas peles** e alguns dentes de vez em quando. 7 Palmerin, uma cidade há 3 léguas de Candimal: as mercadorias são **pequenas peles** e alguns dentes de vez em quando. 8 Joola, uma cidade a 6 léguas de Palmerin: as mercadorias são **peles**, cera, dentes de elefantes, arroz e ouro: e muitos espanhóis e portugueses estão lá. 9

⁵⁸² LA COURBE, Op. Cit. p. 131.

⁵⁸³ JOBSON, Op. Cit. p. 101.

⁵⁸⁴ DE MAREES, Pieter. *Description et récit historial du riche royaume d'or de Guinea, aultrement nommé la Coste d'or de Mina, gisante en certain endroict d'Africque. Amsterdã*: Comille Cheflon, 1605, p. 3. Tradução nossa: “pour gagner la vie, principale occupation est en agriculture, pour femer du Riz & fourment la plus grande richesse quilz ont en vaches, lesquelles font icy bien peu & fort cheres”.

⁵⁸⁵ JANNEQUIN, Op. Cit. p. 128. Tradução nossa: “Il faut qu’un negre achepte la femme, au prix de tout ce qu’il à pu acquerir, par son travail pendant sa jeunesse, l’emmeine du logis de ses parens toute nue, leur donnant la quantité de boeufs, & de caprits qui aura esté convenue dans les accords”.

⁵⁸⁶ BOULÈGUE, Jean. *Les royaumes wolof dans l’espace sénégalien (XIIIe-XVIIIe siècle)*. Paris: Editions Karthala, 2013, p. 199. Tradução nossa: “la traite de peaux de bovins [...] fut telle qu’on peut la considères comme le trait principal de l’économie des royaumes wolof (ét senemgambiens en général)”.

Rio Gâmbia: As mercadorias são arroz, cera, **peles**, dentes de elefantes e ouro⁵⁸⁷.

Os comerciantes acima mostraram que havia couro em todos os portos, mas não tratam do volume do comércio. Os números, porém, são vultuosos. Enquanto Lemos Coelho afirmou que da costa do Caior saíam, anualmente, mais de cinco mil couros além de “roupa jalofa”⁵⁸⁸, La Courbe escreveu que em determinado momento era possível comerciar de vinte e cinco a trinta mil couros no rio Senegal, a partir do forte de Saint Louis. A importância dada pelos europeus ao comércio de couro fica explícita na citação abaixo de Alexis Saint Lo:

Senhor Emery de Caën foi a Portudal, onde depois de oferecer alguns presentes ao rei, pediu que permitisse que nossas naus ficassem no porto de Rufisque por diversas razões. Este rei aceitou os presentes, mas recusou seu pedido dizendo que o faziam comer em uma pequena tigela enquanto que o rei Damel comia em uma grande tigela. Ele queria dizer que os Franceses enviavam a seus portos apenas pequenas embarcações, mas que enviavam grandes navios aos portos de Damel e que ele exigia ver em seus portos grandes navios. Tivemos que obedecer à sua vontade, pois esta região fornece mais couros que qualquer outra.⁵⁸⁹

Ora, a partir deste excerto, fica claro que Emery de Caen, capitão do navio em que viajava Saint Lo, decidiu atender o pedido para não haver prejuízos ao comércio de couro. Porém, como qualquer outra transação comercial realizada na região, problemas internos poderiam atrapalhar o comércio de couro. Neste sentido, afirmou Michel de La Courbe:

Neste lugar [Boucsart; no interior, às margens do rio Senegal] eles fazem as maiores canoas no rio, que eles usam para obter sal em Bieurt ou Maca [localidades no rio Senegal], e depois trocá-lo por milho no país Fula [...] não há muitos couros a serem tratados em todo este país, especialmente porque é proibido matar bois, se não o dia de Tabasquet, e outros dias de cerimônias, e a maioria daqueles nós compramos são de bois mortos de doença ou acidente. No passado, vinte a cinco mil e trinta mil peles eram tratadas neste rio, e é difícil tratar doze mil atualmente: vem do fato de que os negros tiveram grandes guerras contra os mouros que arruinaram o país inteiro [...] Desde que todas essas guerras terminaram, eles tentam se recuperar de suas perdas anteriores defendendo, como eu disse, de matar bois e comer bezerros, de modo que há razão para esperar que

⁵⁸⁷ RAINOLDS, Richard; DASSEL, Thomas. *The Voyage of Richard Rainolds and Thomas Dassel to the Riuers of Senega and Gambra Adioning Vpon Guinea, 1591 with a Discourse of the Treasons of Certaine of Don Antonio his Seruants and Followers*. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/h/hakluyt/voyages/v11/chapter66.html>, p. 1. Grifo nosso. Acesso em 07/05/2019. Tradução nossa: The chiefest places of traffique on that coast betweene these riuers, are these: 1 Senega riuer: The commodities be hides, gumme, elephants teeth, a few graines, ostrich feathers, amber-greece, and some golde. 2 Beseguiache, a towne by Capo Verde leagues from Senega riuer: The commodities be small hides, and a few teeth. 3 Refisca Vieio, a towne 4 leagues from Beseguiache: The commodities be small hides, and a few teeth now and then. 4 Palmerin, a towne 2 leagues from Refisca: The commodities be small hides, and a few elephants teeth now and then. 5 Porto d’Ally, a towne 5 leagues from Palmerin: The commodities be small hides, teeth, amber-greece, and a little golde: and many Portugals are there. 6 Candimal, a towne halfe a league from Porto d’Ally: The commodities be small hides, and a few teeth now and then. 7 Palmerin, a towne 3 leagues from Candimal: The commodities be small hides, and a few teeth now and then. 8 Ioala, a towne 6 leagues from Palmerin: The commodities be hides, waxe, elephants teeth, rice, and some golde: and many Spaniards and Portugals are there. 9 Gambra riuer: The commodities are rice, waxe, hides, elephants teeth, and golde.

⁵⁸⁸ COELHO, Op. Cit. p. 6-7.

⁵⁸⁹ SAINT LO, Op. Cit. p. 38-39.

quanto mais avançarmos [no tempo], mais o número de couros vai aumentar.⁵⁹⁰

Conforme a citação, podemos perceber dois fatores. O primeiro lugar é que, a princípio, o abate de bois era condicionado por rituais religiosos. Em segundo lugar, que problemas políticos internos poderiam diminuir o volume de couro comercializado. No caso, avaliava-se modificar as regras para o abate de bois para que o plantel voltasse a crescer e o comércio retornasse ao normal após um período de guerras.

De acordo com Alberto da Costa e Silva, o comércio de couro não foi apenas atrapalhado por problemas políticos. Foi também, posteriormente, causador de guerras. Segundo o historiador brasileiro tamanha era a demanda europeia por esta mercadoria, que ele associa o crescimento do rebanho dos fulas ao crescimento desta demanda. Para o autor, “[houve] aumento, no século XVII, dos rebanhos [fulas], estimulado pela quase insaciável demanda europeia por couros bovinos”⁵⁹¹. Esta procura por couros teria enriquecido os fulas e, assim, dado embasamento econômico e, conseqüentemente, político e militar para as jihads que este povo empreendeu no Futa Djalon durante o final do século XVII e decorrer do século XVIII.⁵⁹²

Não há indicativos em profusão, nas fontes que utilizamos, de qual era o destino final deste grandes volume de couro comercializado na Senegâmbia. Havia uma preocupação muito maior, por parte dos comerciantes estrangeiros em descrever como e onde compravam os variados produtos na Senegâmbia. Dentre as fontes consultadas, apenas o comerciante francês Jacob Le Marie escreveu algo no sentido de mercado final destes produtos:

Esta ilha (Saint Louis) situada no meio do rio, cinco léguas acima da sua foz, tem cerca de uma légua de largura. Senhores da empresa têm seus negócios, e há um oficial comandante. É aqui que os negros trazem couro, marfim, cativos e, às vezes, âmbar cinzento; porque a goma arábica, vem dos mouros, como direi. Nós damos em troca desses negros, panos, algodão, cobre, estanho, ferro, conhaque, e algumas futilidades de vidro. O lucro deste comércio é de oitocentos por cento. **Couro, marfim e goma levamos para a França, e quanto aos escravos, eles são enviados para Ilhas Francesas da América, para trabalhar em açúcar**⁵⁹³.

⁵⁹⁰ LA COURBE, Op. Cit. p. 132-133. Tradução nossa : “en ce lieu les plus grands canots qui sont dans la rivière, dont ils se servent pour aller quérir du sel a Bieurt ou a Maca, et le vont ensuite échanger contre du mil dans le pays Foule [...] On ne trouve pas beaucoup de cuirs a traiter dans tout ce pays la, d'autant qu'il est defiendu de tuer des boeufs, si ce n'est le jour du Tabasquet, et autres jours de cérémonies, et la plus part de ceux qu'on nous vend sont des bestes mortes de maladie ou par accident. Autrefois, on traitoit dans cette rivière vingt-cinq a trente mille cuirs et, présentement, on a peine a en traiter douze mille : cela vient de ce que les nègres ont eu de grandes guerres contre les Maures qui ont ruiné tout ce pays [...] Depuis que toutes ces guerres sont finies, ils tachent de se remettre de leurs pertes précédentes en deffendant, comme jay dit, de tuer des boeufs et de manger des veaux en sorte qu'il y a lieu d'esperer que plus on ira en avant plus le nombre de cuirs augmentera”

⁵⁹¹ SILVA, Op. Cit. 2010, p. 8.

⁵⁹² Ibidem. p. 10.

⁵⁹³ MARIE, Op. Cit. p. 72-73. Grifo nosso. Tradução nossa: “Cette Ile (Saint Louis) située au milieu de la Riviere, cinq lieues au dessus de son embouchûre, a environ une lieue de tour. Messieurs de la cmopagnie y ont leurs Magazins, & y ont un Commandant & de Commis. C'est-là que les Nègres apportent Cuirs, Yvoire, Captis, & quelquefois de l'Ambre gris ; car pour la Gomme Arabique, elle nous vient des Maures comme je le diray. On donne en échange à ces Nègres,

Salta aos olhos a diversidade de mercadorias tanto compradas quanto vendidas pelos franceses de Saint Louis, assim como a margem de lucro que Le Marie fala que era possível obter. Para a discussão que fizemos neste tópico e no anterior, porém, cabe ressaltar a parte destacada. De acordo com o comerciante francês, tanto o couro quanto o marfim eram enviados diretamente para a França. O couro, certamente, era utilizado para a confecção objetos utilitários por artífices europeus. Dada a profusão de utilidades da matéria prima, porém, podemos pensa-la como uma mercadoria de circulação global e com a Senegâmbia como uma importante região de exportação de couro durante a era moderna.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi discutir a importância tanto interna quanto externa da produção e comércio de couro na Senegâmbia. Notamos que, na maioria das fontes que analisamos, ao descrever os produtos comerciais que poderiam ser comprados em um ou outro porto, era comum que os comerciantes europeus começassem pelo couro. Embora esse indício seja insuficiente para afirmarmos que o couro era o produto de exportação mais importante da Senegâmbia, fato é que era o produto que podia ser comercializado em praticamente todos os portos fluviais e marítimos desta região.

Produto de intensa demanda europeia, o couro advinha tanto de gado bovino quanto de animais selvagens. Era vendido não apenas pelas populações costeiras, mas também mobilizava afluência por rotas comerciais interioranas que se conectavam aos portos fluviais e marítimos. Vimos também que o couro não era apenas um produto de exportação, mas que também era utilizado internamente pelos senegambianos. Por fim, uma vez que a maior parte do couro advinha da criação de gado, notamos que povos que povos pastoris como, principalmente, os fulas, eram os principais fornecedores da matéria prima.

Consideramos importante diversificar e complexificar análise sobre comércio atlântico em África. Este era variável no tempo e no espaço, dependendo dos agentes que nele se envolviam, com interesses mercantis de oferta e demanda que poderiam ser diferentes. É neste ensejo que este trabalho propôs se inserir. Ao pensar a importância do comércio de couro na Senegâmbia, para além e em paralelo aos consagrados estudos sobre o comércio de pessoas escravizadas e os recentes avanços nos estudos sobre a produção e comércio de marfim, consideramos que as variáveis apresentadas auxiliam a abrir novas e importantes variáveis à história do comércio atlântico na região.

de la toile, du cotton, du Cuivre, de l'étain, du fer, de l'eau-de-vie, & quelques bagatelles de verre. Le profit qu'on tire de ce commerce est de huit cent pour cent. Les Cuirs, l'Yvoire & la Gomme se portent en France, & quant aux Esclaves, on les envoie aux Iles Françaises de l'Amerique, pour travailler au Sucre”.

Referências Bibliográficas

- AFONSO, Luís; HORTA, José da Silva. *Olifantes Afro-Portugueses com Cenas de Caça c. 1490-c. 1540*. Lisboa: *Artis* nº1, 2013.
- ALENCASTRO, L. F. *O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ALMADA, André Álvares. Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde dês do Rio Sanagá até os Baixos de Santa Ana. IN: BRÁSIO, Antonio. *Monumenta Missionária Africana*, s. II, v. 3, d092, 1594.
- BARRY, Boubacar. *Senegambia and the Atlantic Slave Trade*. Cambridge: University Press, 2002.
- BECKER, Charles. La représentation des Sereer du nord-ouest dans les sources européennes (XVe-XIXe siècle). In: *Journal des africanistes*, 1985.
- BOULÈGUE, Jean. Un empire peul dans le Soudan occidental au début du XVIIe siècle. In: *2000 ans d'histoire africaine*. Tome II. Paris : Société française d'histoire d'outre-mer, 1981.
- BOULÈGUE, Jean. *Les royaumes wolof dans l'espace sénégalais (XIIIe-XVIIIe siècle)*. Paris: Editions Karthala, 2013.
- CLARKSON, Leslie. The Organization of the English Leather Industry in the Late Sixteenth and Seventeenth Centuries. *The Economic History Review*, Vol. 13, No. 2, 1960.
- COELHO Francisco. *Dois descrições seiscentistas de Guiné*. Lisboa: Academia de História Portuguesa [1669-1684] 1953.
- DE MAREES, Pieter. *Description et récit historial du riche royaume d'or de Guinée, autrement nommé la Coste d'or de Mina, gisante en certain endroit d'Afrique*. Amsterdã: Comille Cheflon, 1605.
- DELAFOSSÉ, Maurice. *Chronique du Fouta Sénégalais*. Paris: Ernest Leroux Editeur, 1913.
- DIAS, Eduardo Costa; HORTA, José da Silva. La Sénégalie: un concept historique et socioculturel et un objet d'étude réévalués, *Mande Studies*, n.09, 2007.
- DONELHA, André. Memorial de André Donelha a Francisco Vanconcelos da Cunha. IN: BRÁSIO, Antonio. *Monumenta Missionária Africana*, s. II, v. 5, d036, 1625.
- GAMBLE, David, et. al. Peoples of the Gambia: I. The Wolof. *Gambian Studies*, San Francisco, n. 17, 1985.
- GREEN, Toby. *The Rise of Trans-Atlantic Slave Trade in Western Africa, 1300-1589*. Cambridge: The Cambridge University Press, 2012.
- HAVIK, Philip. *Silences and Soundbites: the Gendered Dynamics of Trade and Brokerage in the Pre-colonial Guinea Bissau Region*. Leiden: Lit Verlag, 2004.
- JANNEQUIN, Claude. *Voyage de Libye au royaume de Senegal, le long du Niger : avec la description des habitants qui sont le lon de ce fleuve, leurs coùtumes et façons de vivre, les particularités les plus remarquables de ces pays*. Paris, Gallica, 1643.
- JOBSON, Richard. The Golden Trade: Or, A Discovery of the River Grambra. In: GAMBLE, David P.; HAIR, P. E. H. *The Discovery of River Grambra (1623) by Richard Jobson*. London: The Hakluyt Society, [1621] 1999.
- JONES, Adam. *Brandenburg Sources for West African History, 1680-1700*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1985.
- LA COURBE, Michel. *Le premier voyage du sieur de La Courbe Fait à la Coste d'Afrique en 1685*, Paris: Société d'Histoire des Colonies Françaises, 1913.
- LE BLANC, Vicent. *Les voyages fameux du Sieur Vincent Le Blanc marseillois , qu'il a faits, depuis l'âge de douze ans jusques à soixante, aux quatre parties du monde*. Paris: Gervais Clouster, 1649.
- LE MAIRE, Jacob. *Les voyages du sieur Le Maire aux Isles Canaries, Cap Vert, Sénégal et Gambie*, Paris: Jacques Collombat, 1695.

- MARK, Peter. Towards a Reassessment of the Dating and the Geographical Origins of the Luso-african Ivories, Fifteenth to Seventeenth Centuries. *History in Africa* 34, 2007.
- MARKHAM, Clements. *The Hawkins Voyages*, Londres: The Hakluyt Society, 1878
- MORAES, Nize Izabel de. Le Commerce des Peaux à la Petite Côte au XVIIe siècle (Sénégal). *Notes Africaines*, n° 134 pp.37-45, & n° 136 pp. 111-116; 1972.
- MOTA, Thiago. Instrução Islâmica na Senegâmbia e Práticas de Muçulmanos Africanos em Portugal: Uma Abordagem Atlântica (Séculos XVI e XVII). In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 30, n° 60, 2017.
- NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a epopéia mandinga*. São Paulo: Ática, 1982.
- NIANE, Djibril Tamsir. Relações e intercâmbios entre as várias Regiões In: _____. (Org.). *História geral da África, IV: A África do século XII ao século XVI*. Brasília: UNESCO, 2010.
- PERSON, Yves. Os povos da costa – primeiros contatos com os portugueses – de Casamance às lagunas da costa do Marfim. In: NIANE, Djibril Tamsir. (Org.). *História geral da África, IV: A África do século XII ao século XVI*. Brasília: UNESCO, 2010.
- RAINOLDS, Richard; DASSEL, Thomas. *The Voyage of Richard Rainolds and Thomas Dassel to the Riuers of Senega and Gambra Adioning Vpon Guinea, 1591 with a Discourse of the Treasons of Certaine of Don Antonio his Seruants and Followers*. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/h/hakluyt/voyages/v11/chapter66.html>, acesso em 07/05/2019.
- SAINT-LÔ, Alexis. *Relation du Voyage du Cap Verd*, Paris: Targa, 1637.
- SANTOS, Vanicléia. *O Marfim no Mundo Moderno: comércio, circulação, fé e status social (Séculos XV-XIX)*. Curitiba: Prismas, 2017.
- SANTOS, Vanicléia, et. al. *O Comércio de Marfim no Mundo Atlântico: Circulação e Produção (Séculos XV ao XIX)*. Belo Horizonte: Clio, 2018.
- SILVA, Alberto da Costa e. A Jihad no Futa Jalom. IN: RIBEIRO, Alexandre; GEBARA, Alexander; BITTENCOURT, Marcelo. *África Passado e Presente: II Encontro De Estudos Africanos da UFF*. 2010.
- SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- THORNTON, John Kelly. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800*. Tradução de Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.